

Paulo Roberto Andel

Sobre leitores

Uma garota bonita de doer. Bonita. Uma jovem mulher. Linda. Elegante-sentada no banco do trem quase vazio, refrigerando e silencioso numa manhã de sábado nublado mas leve, sem risco de chuva. Vinha na direção Central do Brasil. Embarcou na estação de Realengo. Ninguém a acompanhava.

Bonita e elegante, com seus olhos claros, esverdeados, talvez com o olhar de cobra verde que Glauber Rocha viu em Regina Rozemburgo nos anos 1960. Fones devidamente a postos nos ouvidos, provavelmente escutando música suave, alinhada a seu rosto de traços delicados.

Às mãos, um livro eterno saltava aos olhos pela capa: "On the road", o clássico de Jack Kerouac que fez Bob Dylan ir embora da casa dos pais, e também de milhões de jovens que mais tarde seriam conhecidos como hippies.

Lia com dedicação e profundo silêncio, talvez só cortado pelo clingue-clangue do trem por cima dos trilhos. Um detalhe chamava a atenção: enquanto a viagem prosseguia, em nenhum momento ela mexeu em seu smartphone, em busca de mensagens ou recados, algo tão raro nos dias atuais que chega a causar estranheza.

O belo olhar que nem os óculos escondiam estava fixado nas páginas de glória que o escritor estadunidense publicou em fins dos anos 1950, e que involuntariamente mudaram o mundo. Será que era isso que ela procurava em "On the road"? Liberdade? Mudança? Vanguarda? Nunca se saberá.

Outro ponto interessante: nada de Kindle, iPad, e-book, nada disso. Livro, livro físico mesmo, pocket book dos bons, com mais de quatrocentas páginas e poucas respirações, tudo diante da literatura vertiginosa de Kerouac. Uma jovem e bela mulher misturando a modernidade da música digital - a conferir - e a tradição do livro, esse item tão importante para a vida humana mas ultimamente muito subestimado no Brasil.

Na estação do Maracanã, um homem embarcou no vagon e se sentou num banco bem à frente da jovem. Imediatamente a admirou, o que não seria nenhuma surpresa. Fitou-a discretamente, ajeitou sua mochila e também pegou um livro, só que sem deixar revelar a capa. Era um homem mais velho, talvez de uns quarenta e poucos anos, que surpreenderia se tivesse mais em função de seu rosto conservado. Usava um bermudão com camiseta roxa e um par de tênis sem meias. Também era curioso que tivesse priorizado o livro em vez do telefone celular. O sábado de manhã naquele vagon tinha um tempero vintage.

Um homem e uma mulher, um de frente para a outra, dois desconhecidos Unidos pelo prazer da literatura. Ela não dava nenhum sinal de reação à presença do homem, embora fosse impossível não notá-lo bem em frente. Reparar discretamente é outra coisa. Liam.

Num súbito, o locutor anunciou a proximidade da Central do Brasil. Ambos recolheram seus livros, ela à bolsa, ele à mochila. Finalmente pegaram seus smartphones e aí com certeza se olharam. Em silêncio. Discretamente.



Nem tudo era pacífico na equipe que produziu a 1ª edição: Campelo (esq) rompeu com o antigo professor ao fim do trabalho

Aurélio, sinônimo de intriga

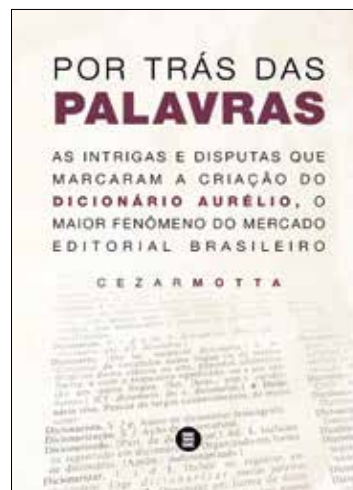
Por Affonso Nunes

Diz-se que escritores totalmente enamorados da palavra. Em algum lugar de seus processos criativos vão buscar a melhor forma de contar histórias e delas nos apresentar arte. Mas e os filólogos não seriam mais do que consortes apaixonados, mas verdadeiros reféns dela? O apego às palavras desde a juventude fez de um promissor escritor alagoano o maior dicionarista brasileiro, aquele que apresentou ao Brasil uma vasta compilação do nosso jeito de falar o português.

Sinônimo de dicionário embora desses robustos volumes não tenha se tornado verbete, Aurélio Buarque de Holanda dedicou uma vida inteira à produção da calhamaça pesando 3kg por comportar 120 mil verbetes distribuídos com a erudição de Aurélio ao longo de 1.536 páginas.

Por problemas gráficos e total incerteza do êxito comercial da empreitada, a Editora Nova Fronteira rodou 18 mil exemplares em sua tiragem inicial, de 1975. Quarenta e cinco anos depois, o Aurélio acumula 15 milhões de exemplares vendidos, considerando formatos impressos e digitais, mais do que toda a obra de Jorge Amado reunida.

A obra que consolidou Aurélio entre os grandes da última flor do Lácio consumiu anos de sua vida, mas com incontáveis problemas de



SERVIÇO

Por Trás das Palavras

Autor: Cezar Motta
 Editora: Máquina de Livros
 Preço: R\$ 49 (impresso) e R\$ 32 (e-book)
 Páginas: 192

percurso. E quem nos conta essa trajetória é o jornalista Cezar Motta, um carioca radicado em Brasília, no romance-reportagem "Por Trás das Palavras" (Ed. Máquina de Livros). O volume é, de fato, um trabalho jornalístico que segue à risca os cânones da nossa profissão mas a história que emerge de suas 192 páginas soa como um virulento romance, uma história de amor e ódio como os melhores folhetins. O personagem central não

chega a ser o Aurélio pessoa física e remomado intelectual, mas o dicionário "Aurélio" e toda sorte de dramas em torno de sua produção. O rigor acadêmico do filólogo, que viria a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras nesse meio termo, retardou a conclusão do projeto em pelo menos dez anos.

Aurélio tinha uma equipe de "colaboradores" das mais variadas camadas da sociedade brasileira, de grandes cientistas e gente das artes até 'porteiros, operários e garçons - tudo em busca da melhor definição das palavras que povoam a nossa língua.

Esse rigor fez com que Aurélio, o intelectual, conquistasse a fama de procrastinador, de ser negligente com os prazos estabelecidos. Duas editoras desistiram de bancar a obra. E quem tentava organizar o caos era o jornalista e escritor Joaquim Campelo, que buscou manter a equipe de colaboradores fixos trabalhando mesmo sem existir perspectiva de publicação. Quando a obra estava em vias de ser concluída, a Nova Fronteira de Carlos Lacerda assumiu o risco.

A consagração de Aurélio não valeu para Campelo e os outros colaboradores que tiveram seus nomes excluídos dos créditos e travaram longa batalha jurídica que só foi encerrada em 2013 em favor dos herdeiros de Aurélio, que morreria em 1989.